

OFICINAS DE ARTESANATO COM MULHERES ASSENTADAS DO MST

CARLA NEGRETTO¹; MÁRCIA ALVES DA SILVA²

¹ *Discente do Curso de Pedagogia UFPel / Bolsista Probec / – ka_karllynha10@hotmail.com*

² *Profa. da Faculdade de Educação / Orientadora – prof.marciaalves07@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Neste texto buscamos trazer uma reflexão sobre um projeto de extensão em andamento denominado “*Trabalho artesanal com mulheres do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)*”, que busca vincular gênero, educação e arte para contribuir em um processo de construção de emancipação e empoderamento das mulheres, constituindo-se oficinas de artesanato com as participantes.

Trata-se do resgate do universo do artesanato, a partir da participação de mulheres agricultoras assentadas de três grupos do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST. Um grupo é formado por 12 mulheres do Assentamento Santa Inácia, outro é constituído por 15 mulheres do Assentamento Campo Bonito, e o último é formado por 11 mulheres do Assentamento Pinheiro, todos eles localizados no interior do município de Pinheiro Machado – RS.



Figura 1: Grupo de mulheres assentadas do Assentamento Santa Inácia, participantes do projeto de extensão.
(Fonte: acervo do projeto, 2015).

O projeto busca contribuir para um processo de emancipação e empoderamento dessas mulheres camponesas. Tem funcionado como uma importante ferramenta metodológica de trabalho pois, além de oferecer uma aprendizagem que pode auxiliar na ampliação da renda, também se torna um espaço onde são encaminhadas outras atividades de formação na área de gênero tendo o auxílio de filmes, palestras, debates, etc. Tudo isso contribui para que as mulheres envolvidas possam se repensar a partir do conhecimento e da trajetória das mulheres no mundo e na história.

2. METODOLOGIA

O referido projeto de extensão vem se concretizando em oficinas desde o ano de 2013, oferecendo cursos de artesanato popular com duração de 10 horas para cada oficina realizada, que acontece duas vezes por mês em cada assentamento participante.

A metodologia adotada para a efetivação do projeto é inspirada na pedagogia freireana, compreendendo que o aprendizado é algo dinâmico e construído coletivamente, respeitando os saberes individuais de cada um. É por isso, que a escolha das técnicas a serem trabalhadas nas oficinas, são escolhidas coletivamente pelas participantes.

Os materiais utilizados nas oficinas são derivados tanto de sucatas naturais, quanto de sucatas industrializadas, na perspectiva de reaproveitar os materiais. A sucata natural constitui-se de sementes, palhas, pedras, conchas, folhas, penas, galhos, pedaços de madeira, areia, terra, etc. A sucata industrializada, inclui todos os tipos de embalagens, copos plásticos, chapas metálicas, tecidos, papéis, papelões, isopor, caixas de ovos, etc.



Figuras 2, 3, 4 e 5: Artesanatos produzidos pelos três grupos participantes do projeto de extensão. (Fonte: acervo do projeto, 2015)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essas mulheres vêm descobrindo o artesanato passo a passo na construção de suas identidades, construindo dia a dia elos mais fortes de coletividade, amizade, camaradagem e solidariedade. Esses vínculos que se condicionam em uma etapa para a plenitude de uma cidadania justa e saudável estavam deixados de lado, pelo fato de cada mulher estar sempre ocupada com tarefas de ordem doméstica ligadas à casa, filhos e maridos, ou ainda trabalhos direcionados a lavoura e lida no campo diretamente.

Esse é um ponto muito importante na nossa pesquisa, visto que as queixas que elas apresentam em relação à carga horária doméstica que as cercam todos os dias incansavelmente é um dos assuntos que apresentam maior destaque nas narrativas das participantes. Dessa forma, a partir dos estudos de gênero, o conceito de divisão sexual do trabalho (KERGOAT, 2003; HIRATA & KERGOAT, 2007) tem se constituído no referencial teórico que adotamos na abordagem das trajetórias de gênero e trabalho feminino, enquanto o referencial das histórias de vida (FERRAROTTI, 2014; JOSSO, 2004) buscam dar conta das narrativas das envolvidas. Muitas das participantes relatam que suas vidas se resumem ao tanque e ao fogão, sobrando pouquíssimo tempo para outras atividades e lazer.

O mais angustiante por parte das entrevistadas, é o pouco caso que suas famílias fazem em relação ao serviço da mulher no espaço doméstico. É o que relata abaixo uma das entrevistadas.

E o pior de tudo é quando mal terminamos de passar o pano no chão e o marido entra dentro de casa, com o piso ainda molhado, as botas sujas de lama e acaba sujando tudo de novo. E a gente diz: não entra assim desse jeito, vai sujar tudo, está tudo tão limpinho.... É o mesmo que falasse: Entra, suja tudo! [Assentada A]

Neste relato podemos ver a inexistência do respeito pela mulher (esposa) e pela tarefa que ela executa. É como se limpar o chão fosse uma obrigação biológica só dela. Independente de quantas vezes sujar, a obrigação acaba sendo sempre dela.

Outro relato que destaco aqui traz a submissão que a mulher ainda executa no âmbito familiar:

Eu sempre como comida fria. Todo mundo senta na mesa e ergue o prato pra cima pra mim servir um por um, cortar a carne, a salada, servir o suco. Quando me sento, a comida já esfriou e todos já terminaram de comer. Fico sozinha na mesa. [Assentada B]

Entende-se que essas tarefas não são leis válidas para toda uma vida, nem que nasceram conosco desde os primórdios da humanidade, mas foi algo construído historicamente pelas sociedades. O importante é tentar construir dentro desses grupos de assentamentos um novo olhar sobre o papel da mulher dentro da sociedade, para que a vida se torne mais prazerosa em toda a sua plenitude, e que as obrigações que as cercam, possam ser divididas com todos que fazem parte do contexto familiar.

Dante desses relatos, o projeto de extensão que executamos entende a necessidade de abordar a contribuição do feminismo nas oficinas, pois percebemos esse espaço como um espaço de formação, onde as identidades de gênero são problematizadas.

Não é necessário apenas entender a complexidade de luta da mulher frente a sociedade machista, mas é mais importante ainda, entender como interromper os efeitos do machismo e compreender como fazer essa interrupção dentro da família e sociedade.

4. CONCLUSÕES

Com várias oficinas já realizadas nesses três assentamentos da cidade de Pinheiro Machado, podemos notar um salto qualitativo no desenvolvimento desses grupos de mulheres assentadas da reforma agrária, no que diz respeito a autonomia, a socialização a emancipação e a aquisição de conhecimentos em benefício do mundo feminino e o papel que a mulher queira ocupar no mundo.

Considerando que o diálogo é o melhor começo para tratar sobre a divisão das tarefas domésticas dentro dessas áreas de assentamentos, é nessa perspectiva que auxiliamos as mulheres assentadas a dar os primeiros passos para a luta em prol da libertação dos padrões opressores patriarcais.

Conforme Roseli Cardart (2000), trata-se de um olhar especificamente preocupado em estudar o processo educativo que perpassa o conjunto das ações do MST e a vivência de cada sem-terra no movimento de sua própria história, ou no fazer-se de sua formação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALDART, Roseli. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- FERRAROTTI, Franco. **História e histórias de vida**: o método biográfico nas Ciências Sociais. Natal: EDUFRN, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. In: **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.
- JOSSO, Marie-Christine. **Histórias de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: EMÍLIO, Marli; et al (orgs.). **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres**: desafios para as políticas públicas. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003. p.55-63.